
Imigração em perfis: o uso do jornalismo literário na construção de narrativas em profundidade sobre a experiência imigrante¹

Julie de Lima TSUKADA²
Luana Silva BORGES³
Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

RESUMO

O presente artigo apresenta o processo de produção do livro-reportagem “Entre-lugares: sonhos e vivências de imigrantes em Goiânia”, projeto de pesquisa experimental para conclusão do curso de Comunicação Social – Jornalismo. Por meio do etnojornalismo, optado como método, e do jornalismo literário, o objetivo do trabalho foi evidenciar a singularidade da experiência de ser imigrante em Goiânia, uma cidade que historicamente não foi construída com influência de culturas estrangeiras nem recebeu grandes contingentes de fluxos migratórios, por meio da construção de perfis. O estudo busca possibilitar, por meio de entrevistas em profundidade e do jornalismo literário, a construção de narrativas mais subjetivas, humanizadas e empáticas sobre o fenômeno da imigração.

PALAVRAS-CHAVE: Livro-reportagem; Jornalismo literário; Perfis; Entrevistas em profundidade; Imigração.

1. Introdução

Deslocar-se sempre fez parte da história do homem. Mesmo com a descoberta da agricultura, com a transformação da maioria dos povos nômades em sedentários, o ser humano nunca se deixou limitar por um território. Fosse pela ânsia de desbravar novos lugares, pela curiosidade de conhecer o que havia além dos horizontes ou simplesmente pelo instinto de sobrevivência, humanos – em grupo ou solitários – cruzaram continentes e foram, além dos mares, em busca daquilo que queriam encontrar.

Passaram-se séculos, milênios, e as pessoas continuaram a se mover pelo globo. As sociedades se tornaram mais complexas, as tecnologias mais sofisticadas, e os territórios deram lugar a estados-nações, com culturas e identidades distintas. No lugar

¹ Trabalho apresentado na IJ 01 – Jornalismo do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 22 a 24 de maio de 2019.

² Bacharel em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal de Goiás.

³ Professora orientadora do trabalho. Doutoranda na linha de pesquisa Mídia e Cultura, pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Goiás.

de deslocamento, era necessário um outro termo para contemplar a complexidade desse movimento. Outra palavra, então, passa a ser utilizada para definir o fenômeno: migração.

Segundo a International Organization for Migration (IOM), um migrante é qualquer pessoa que se desloque, ou já tenha atravessado, uma fronteira internacional ou a de um estado fora de seu local habitual de residência. Esse movimento se dá independente de este ser voluntário ou involuntário, do estado legal da pessoa, das causas para esse deslocamento ou da duração da estadia.

Alves (2012) coloca a migração como a terceira componente da mudança demográfica, atrás apenas da fecundidade e da mortalidade. No entanto, é o elemento mais complexo, como lembrado por Elhajji (2012), pois é um fenômeno que na atualidade, sofre transformações de fatores políticos, econômicos, organizacionais, sociais e psicológicos.

Quando se fala em migrações, é importante recordar que elas não são ocorrências uniformes ou homogêneas, mas que envolvem, como explica Elhajji (2012), uma multiplicidade de conjunturas e contextos sociais e históricos que não conseguem ser reduzidos em parâmetros analíticos. Cada grupo e momento migratório possui sua própria especificidade, a qual influencia diretamente na forma como o processo de adaptação ocorre.

Por isso, mesmo quando se trata de pessoas com a mesma origem ou nacionalidade, cada experiência é única. De acordo com Dantas (2010), isto acontece porque a mudança para um novo país traz para o indivíduo a questão de quem ele é. Cada sujeito é socializado em uma determinada cultura, da qual incorpora formas de sentir, pensar, agir e se relacionar com os outros. Existe um universo simbólico, com uma memória em comum, que une todos aqueles criados e imersos nessas referências.

Quando uma pessoa se insere em uma cultura que é diferente da sua, há uma ruptura não só desses parâmetros bem como da ideia de pertencimento. A mudança ao novo país impõe, para Dantas (2010), múltiplas perdas, pois o imigrante deixa familiares, amigos, trabalho, língua, normas e a memória social. Ele precisa reaprender todos esses aspectos comuns do cotidiano para se adaptar ao novo território, tarefa que consiste em um desafio diário.

Esse processo de reaprendizado e adaptação, quando realizado em conjunto ou em um local com vários imigrantes da mesma origem, se torna menos doloroso. Mas e quando o cenário não é esse?

O Brasil, como um país que tem a imigração intrínseca a sua história, recebeu diversos contingentes de imigrantes, em diferentes condições e contextos. Aqui, eles povoaram e construíram o país, além de também gerarem transformações sociais e culturais no território e no imaginário brasileiro.

No entanto, esse não foi um fenômeno homogêneo para todo o país. Nem todos os estados tiveram contato ou receberam grandes fluxos migratórios, que exerceram influência direta ou evidente sobre a cultura e população da região. Um exemplo é Goiás. Por conta da sua localização e do povoamento mais tardio, em comparação com outros locais do Brasil, os imigrantes – no caso, europeus – só começariam a ir para o estado no início do século XX, quando ferrovias foram instaladas e facilitaram a ligação com outras regiões brasileiras (CUBAS, 2010).

Em décadas posteriores, com outros fluxos migratórios menos expressivos, Goiás seguiu sem grande presença estrangeira. Hoje, continua assim. Segundo dados divulgados pelo Instituto Mauro Borges de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos da Secretaria de Gestão e Planejamento (IMB/Segplan), em 2014, haviam cerca de 8.000 residentes estrangeiros no estado. Na época, de acordo com estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população goiana era de aproximadamente 6,5 milhões de habitantes.

Neste contexto, como então se dá a experiência de imigrante em Goiás – mais especificamente, em Goiânia? Para entender todas as nuances desse fenômeno, apenas dados e números não são suficientes. É preciso imersão e observação – dois pontos fundamentais da prática jornalística e que se aliam ao método do etnojornalismo, no qual a etnografia é aplicada no campo das ciências da comunicação.

A imigração afeta a forma como o indivíduo se vê, manifesta e relaciona com o mundo (DANTAS, 2010). Para poder compreender e abordar todos esses aspectos subjetivos, assim surge o livro-reportagem “Entre-lugares: sonhos e vivências de imigrantes em Goiânia”. A partir de uma narrativa em jornalismo literário, estruturada em perfis, o projeto experimental foi produzido de forma a evidenciar a singularidade de cada indivíduo que vivenciou a experiência de imigrar para a capital goiana.

De forma a discorrer sobre como esta corrente jornalística resulta em uma narrativa mais humana sobre a experiência de ser imigrante, o artigo é dividido em tópicos que abordam o porquê das escolhas referenciais e do método. Ao fim, constam detalhes sobre como foi a produção do projeto.

2. Jornalismo literário – uma narrativa mais humana

Ir além do cotidiano, do *deadline* e do *lead*. Dar vivacidade ao relato e espaço à subjetividade. Sem se limitar pela objetividade, de modo a potencializar a escrita e os relatos, surge o jornalismo literário. A nova corrente jornalística, que ganharia o mundo com as produções dos anos 60, começa a ser moldada muito antes, a partir de uma aproximação com a literatura.

Segundo Lima (2009), ocorre uma inspiração mútua entre o campo jornalístico e o literário, na qual ambos passam a adotar técnicas um do outro. A aproximação entre os dois se inicia, de acordo com Martinez (2009), no século XVII, com escritores londrinos. Um exemplo é Daniel Defoe, que utilizava elementos literários, como cenas e diálogos, para o registro de tabelas com os números de óbitos em jornais.

Assim, de forma a dar mais vivacidade à reportagem, o jornalismo traz elementos da literatura. Esta, por sua vez, incorpora a escrita mais simples e precisa, tipicamente jornalística, e as técnicas de apuração, que levam a criação do realismo social. A nova vertente literária, por meio dos métodos recém-agregados, fica conhecida pela forma fidedigna com que seus escritores desenvolvem a ambientação e a caracterização das personagens.

Do realismo social, o jornalismo também traz elementos que corroboram para a construção de uma narrativa em profundidade. Este novo modo de escrita jornalística, que se populariza com o *New Journalism* estadunidense, toma forma e se populariza nos anos 1960 por meio de revistas como a *The New Yorker* e a *Esquire*. O estruturado modelo americano, baseado na pirâmide invertida, e a sempre priorizada objetividade dão lugar à subjetividade (LIMA, 1998), que se torna valiosa e essencial para um novo tipo de narrativa – uma mais humana.

O *New Journalism*, no entanto, não surge do nada. Um estilo de reportagem mais humano, focado em problemas sociais e na defesa das minorias, surge nos Estados Unidos na virada do século XIX para o XX, algumas décadas antes da popularização do jornalismo literário. Os jornalistas que as escreviam ganharam o apelido de *muckrakers*, união das palavras inglesas *muck* (sujeira) e *raker* (investigador, escarafuncho), termo que mais tarde, segundo Reese (2010, p.1, apud, RITTER, 2013, p.2), estaria associado a escritores importantes que surgiram neste período.

Também com cunho mais social, mas com uma narrativa mais aprofundada e estilística, é no *New Journalism* que se renovam as técnicas literárias, adaptadas ao contexto jornalístico. Um exemplo é o ponto de vista autobiográfico, criado por Norman Mailer, no qual o repórter referencia ele próprio no texto narrativo como se fosse um outro alguém qualquer (LIMA, 1998).

Outros recursos, como o registro de símbolos do cotidiano, o emprego de diálogos e a construção cena-a-cena, segundo Lima (1998), também dão dinamicidade e vivacidade à narrativa. Aliados ao emprego dos já conhecidos princípios da redação, como a observação e a apuração, a escrita jornalística se torna, então, ainda mais rica e detalhista (PENA, 2007).

3. Etnojornalismo e entrevistas em profundidade

Assim como os elementos da literatura potencializam a escrita jornalística, o etnojournalismo faz o mesmo, mas com as técnicas de apuração. O método nada mais é do que aplicar a etnografia, utilizada na antropologia para o estudo de fenômenos sociais, no jornalismo (MATEUS, 2015). Segundo o autor:

O Método Etnográfico em Comunicação consiste, antes de mais, num estudo monográfico escrito por alguém que dedicou uma parte considerável do seu tempo a observar (de forma participante), descrever, anotar e examinar um objeto de estudo empírico ou comunidade comunicativa (seja a redação de um jornal, seja a comunicação efêmera que se estabelece entre dois transeuntes, seja uma interação discursiva entre um vendedor e um comprador). Foca-se nos atributos diferenciadores dessa comunidade comunicativa enfatizando a sua especificidade cultural ao mesmo tempo que sublinha os processos de construção e de partilha social do sentido (as suas premissas, as suas “formas de vida”, as suas “regras imperceptíveis”, os seus códigos). (MATEUS, 2015, p. 85)

Aplicar a etnografia no jornalismo é possível devido à similaridade que a atividade jornalística tem com a antropologia. Como Vargas (1998, p.107, apud ROVIDA, 2015, p. 78) aponta, os dois profissionais precisam ir a campo, observar a realidade e entrevistar as pessoas para só depois escreverem seus textos.

De acordo com Travancas (2010), o etnojournalismo é um método de pesquisa qualitativa e empírica organizado em três etapas, que se aproximam com práticas empregadas na redação. A primeira é o levantamento bibliográfico, um dos instrumentos utilizados para coleta de dados, que dá a base necessária para o pesquisador iniciar sua pesquisa. A segunda é a elaboração de um diário ou caderno de campo, que funcionará

como um registro do que indivíduo ver e presenciar, de perguntas que tem em mente sobre o assunto, entre outros. A terceira e última etapa seria a entrada no campo de pesquisa, em que o pesquisador se insere no grupo e pode apresentar uma variedade de possibilidades relacionadas ao universo do objeto pesquisado.

Se pensarmos pelo campo factual, de toda as etapas, a última – que consiste na observação participante – é a que mais se distancia das técnicas jornalísticas. No entanto, para o jornalismo literário, esta inserção na comunidade é essencial, pois assim o jornalista também vivencia e consegue compreender melhor aquilo ou aquele que estará em seus relatos.

Em jornalismo literário, a entrevista em profundidade é uma excelente aliada. Definida como uma “técnica qualitativa que explora um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências de informantes para analisa-las e apresenta-las de forma estruturada” (DUARTE, 2010, p. 62), a ferramenta é um instrumento de coleta de dados versátil, voltada para respostas subjetivas.

Na entrevista em profundidade, é possível ajustar livremente as perguntas de acordo com o modo como a conversa entre entrevistador e entrevistado flui. Segundo Duarte (2010), ela consegue ser útil tanto para melhorar a compreensão acerca de uma realidade, como para tratar de questões relacionadas ao íntimo do entrevistado.

De forma a explorar os diferentes pontos da experiência de um imigrante, a entrevista em profundidade é o instrumento ideal. Com o foco nas histórias dos indivíduos, desde a infância até os dias de hoje, é possível compreender os diversos aspectos e nuances da vida de cada pessoa.

4. Livro-reportagem

Para um tema completo como a imigração, seria necessário um receptáculo que pudesse acomodar todo este conteúdo. A solução para este caso foi optar pelo livro-reportagem, um produto cultural que, segundo Lima (1998), amplia o trabalho da imprensa cotidiana e penetra em campos desprezados pelos veículos jornalísticos periódicos.

O livro-reportagem transcende as regras e concepções do jornalismo contemporâneo e assume uma posição mais experimental. Nas palavras de Lima (1998),

ao ter uma abordagem mais contextual e dinâmica da realidade, este tipo de produto favorece o desenvolvimento de um jornalismo holístico.

O conteúdo do livro-reportagem varia – pode apenas abordar certas perspectivas ou se aprofundar em um tema. O primordial é contextualizar a temática escolhida de forma com que o leitor possa fazer uma leitura sistêmica da realidade (LIMA, 1998). Para que isto seja alcançado, é necessário um aprofundamento o mais intenso possível no tema em questão, propiciado pelo etnojornalismo e seus instrumentos de coleta de dados.

Lima (1998) destaca que o livro-reportagem tem um grau de informações superior aos veículos jornalísticos cotidianos devido ao número e a qualidade de detalhes presentes na narrativa. A combinação dos elementos emprestados da literatura com a liberdade na produção possibilita uma escrita livre de estruturas, o que eleva sua qualidade e a deixa mais atraente.

5. Perfis

Um texto que dá pleno destaque à pessoa e a sua visão de mundo. Para Silva (2009), este é o perfil, gênero que se detém, de acordo com Paniago (2008), no que deveria ser a essência do relato jornalístico: o ser humano em sua trajetória de vida.

Por este foco no indivíduo, o perfil permite uma subjetividade que quase não é presente nos veículos jornalísticos cotidianos. Silva (2009) acredita que o gênero abre espaço às construções simbólicas das personagens por meio de sua trajetória de vida, perspectiva complementar a de Lima (2009, p. 428), que vê o perfil como uma forma de “lançar luzes sobre alguém, compreendê-lo sob diferentes matizes de cores”.

Paniago (2008) destaca que o gênero não é uma mera reprodução de aspas da fonte. Muito pelo contrário – o jornalista literário reclama a autoria do texto. É graças ao tom que ele emprega, a articulação e as técnicas utilizadas que a narrativa pode ser bem-sucedida.

O perfil de alguém é a possibilidade, para jornalistas, de se concentrar em algo que pertence, de modo geral, ao reino da literatura: a condução da narrativa por meio do personagem. Os desdobramentos da história são interessantes por conta da existência de um ser humano — ficcional, no caso da literatura; real, no que diz respeito ao jornalismo — que conduz a história. Para o jornalista, em geral preocupado em tecer a costura narrativa por meio da conexão de fatos, essa mudança de enfoque é significativa. Afinal, como base para sustentação de qualquer fato, por mais aparentemente quantificado que esteja, estão os seres humanos, as atitudes, decisões e ações que desempenham. O que poderia ser

limitação para o jornalista (o ficcionista tem a liberdade para dispor o personagem como melhor lhe aprouver) revela-se riqueza: o ser humano, qualquer ser humano, tem potencial para a complexidade, ao jornalista cabe desenvolver os dispositivos certos para captá-la. (PANIAGO, 2008, p. 28)

O perfil seria propício para evidenciar a singularidade da experiência e focalizar na trajetória de cada indivíduo. Por isso, o livro-reportagem foi constituído em torno do gênero, de forma a englobar as diferentes facetas do que é ser um imigrante em Goiânia.

6. O projeto experimental

O projeto experimental *Entre-lugares: sonhos e vivências de imigrantes em Goiânia* foi elaborado a partir de uma vontade pessoal de trabalhar com imigração no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Com o objetivo de entender o que é ser e como é viver como um imigrante em Goiânia, o livro-reportagem reúne uma crônica e cinco perfis. São histórias que se passam em diferentes locais da cidade, escritas de forma a refletir não só sobre essa vida entre lugares – entre dois países e duas culturas – mas também sobre como a população reage e recebe esses imigrantes.

O livro se inicia com um prólogo, no qual se reflete brevemente sobre o que é a experiência de imigrante. Em seguida, vem o primeiro capítulo, “O encantamento de domingo”, uma crônica que retrata Goiânia em um domingo. A escolha específica pelo dia da semana foi uma forma encontrada de interligar as distintas realidades dos imigrantes perfilados.

Na crônica, a cidade é personificada como uma senhora. São utilizadas diversas metáforas para exemplificar como hoje, sendo metrópole, a cidade não perdeu os elementos de sua “infância” e “juventude”, da época em que ainda era uma cidade pequena.

Com o uso dessas duas figuras de linguagem – personificação e metáforas –, Goiânia é então humanizada:

A humanização, aliás, é a principal técnica utilizada para aproximar o “ser inumano” das características que as pessoas possuem. Usando figuras de linguagem, não comuns à objetividade delimitada pela práxis estabelecida no jornalismo contemporâneo, aproximam-se esses elementos humanos das coisas em busca de similitudes, comparações implícitas (metáforas). Esse processo de busca pela semelhança chega ao ápice a partir das histórias paralelas, que se relacionam em torno do protagonista não humano. Essas histórias paralelas (e humanas) aproximam coisas de pessoas, ao mesmo tempo em que atribuem

(mesmo que indiretamente) características de pessoas às coisas. (AMATE, 2013, p. 95)

Nesta crônica, o dia de domingo é retratado para apresentar cada perfilado do livro. A inspiração veio do livro “Hiroshima”, de John Hersey, no qual ele introduz os personagens para o leitor retratando o que cada um fazia exatos momentos antes da explosão da bomba atômica.

No decorrer do texto, é utilizado o significado de domingo nas línguas nativas de todos os personagens do projeto: em francês (Dorval), japonês (Noriko), árabe (Yara), português (Domingas) e mandarim (Joana). Com a etimologia de domingo em cada um dos idiomas, relaciono-os com o momento em que cada indivíduo é retratado. No caso de Domingas, ainda foi trabalhado o significado de seu nome e a relação que este tem com o dia da semana. A ordem em que os imigrantes são apresentados segue a mesma de seus perfis no livro.

O segundo capítulo, “A via crucis do haitiano”, é um perfil coletivo sobre a vida dos haitianos em Goiânia. Nele, é retratado um culto realizado em um domingo de manhã na Igreja Metodista do Jardim Guanabara I, a qual os imigrantes haitianos que vivem no bairro frequentam.

A narração do capítulo é feita tanto em primeira pessoa como em terceira, com um narrador observador. No texto, os acontecimentos do culto são intercalados com a vida do Pastor Dorval, um dos principais líderes haitianos da Igreja Metodista em Goiânia, como uma forma de trabalhar uma história individual dentro do retrato coletivo do grupo.

No terceiro capítulo, “Dos céus ao bordado”, é narrada a história da imigrante japonesa Noriko Kawamata. Aqui, também são trabalhados dois narradores, em primeira e terceira pessoa. O cenário principal do perfil é a aula de bordado de Noriko na Cooperativa Bordana, a qual é utilizada para narrar a vida dela no Brasil e como foi a adaptação ao país.

O título do capítulo faz referência à antiga profissão de Noriko, que era aeromoça, e as aulas de bordado que frequenta semanalmente hoje. A relação com as bordadeiras do local e a rotina corrida como dona de casa e mãe de dois filhos são evidenciadas no perfil.

No quarto capítulo, “Um dia de cada vez”, é narrada a história de Yara Alchahaf, imigrante refugiada síria, e sua jornada até Goiânia. O perfil é o mais longo de todo o livro pois é um retrato da vida de Yara em Damasco – sua cidade natal e onde sempre

morou na Síria – antes e depois da guerra; em São Paulo, onde morou logo que chegou ao Brasil; e, posteriormente, na capital goiana.

Além de uma breve contextualização sobre a guerra em si, também foi necessário trabalhar todos esses diferentes momentos para ressaltar a transformação causada pela guerra no espaço territorial (Damasco) e no espaço pessoal de Yara e sua família. No capítulo, busca-se refletir sobre como é imigrar em razão de um conflito e as consequências e efeitos que este acontecimento tem, ainda hoje, na vida dela.

O quinto capítulo, “Ela toma conta do próprio mapa”, é o perfil da angolana Domingas Inglês, na época discente do curso de Jornalismo na Universidade Federal de Goiás (UFG). O tom da narrativa é diferente por conta da própria diferença de idade da perfilada com os outros entrevistados – todos possuem mais de 30 anos –, mas também por ela ser uma estudante universitária e não ter filhos.

Em comparação com os outros perfis, o da estudante traz menos elementos do passado e foca mais na vida em Goiânia. O título do texto faz referência a busca de Domingas por independência, retratada no texto, e em como ela, uma estudante da UFG e uma mulher negra, de um país africano, se estabelece com força e empoderamento em um país racista e machista.

O último capítulo do livro, “Liberdade, liberdade!”, traz a história de Joana Wu, imigrante chinesa dona de uma banca de yakisoba e gyoza na Feira da Lua em Goiânia. A maior parte das cenas se passam nos diferentes empregos e ocupações que Joana teve, como uma forma de refletir sobre o que simboliza o trabalho tanto para a perfilada como para a cultura chinesa. O título do perfil faz referência a busca de Joana por liberdade, que a acompanha desde criança e a leva até o Brasil e, posteriormente, até a capital goiana.

Em todos os capítulos, a narrativa foi escrita intercalando cenas e cortes temporais, para facilitar o entendimento da história e torná-la mais visual:

A construção cena a cena constitui o elemento básico do Novo Jornalismo. A ferramenta permite ao repórter organizar a história como um imenso quadro, conferindo à narrativa fidelidade e dinamicidade, por meio da alternância de novos elementos na confecção do enredo jornalístico. O recurso potencializa os elementos da notícia, ultrapassando os limites dos acontecimentos e apresentando visões mais amplas da realidade. A ferramenta rompe, assim, as injunções burocráticas do lead, garantindo perenidade e profundidade aos relatos jornalísticos. (MENDES; QUEIROZ, 2017, p. 167)

Para evidenciar elementos essenciais de cada narrativa e personagem, cada capítulo ganhou ilustrações, feitas pela ilustradora e designer Heloísa Rincon.

Na crônica de Goiânia, por exemplo, a imagem é um mapa que interliga os locais citados no texto: Igreja Metodista Guanabara, Feira do Cerrado, Igreja São Nicolau, Bosque dos Buritis e Praça do Sol.

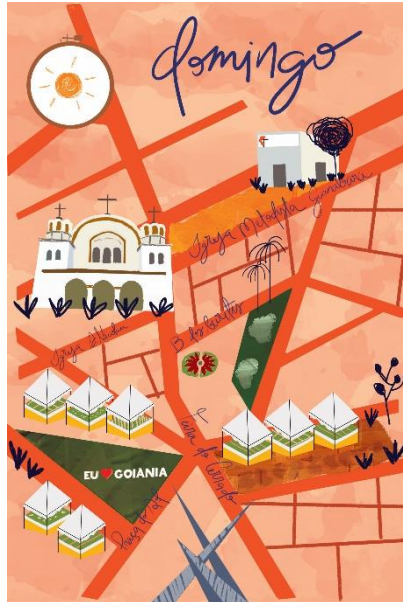


Fig. 1: Ilustração da crônica “O encantamento de domingo”

No perfil de Yara, devido a extensão e a presença de várias cenas nas três cidades em que ela viveu, foram utilizadas duas ilustrações. A primeira é um retrato de Yara com jasmim no cabelo – uma referência a capital da Síria, conhecida como Cidade de Jasmin – e a segunda é uma dela no trem, de costas, observando esses três locais nas janelas do vagão.



Fig. 2: Ilustração do capítulo “Um dia de cada vez”



Fig. 3: Segunda ilustração do capítulo “Um dia de cada vez”

No capítulo de Domingas, Heloísa demonstra o amor que Domingas sente pelas madeixas e o comentário que uma aluna faz em uma das cenas do perfil – de que ela sempre muda o cabelo e fica difícil reconhecê-la – na ilustração. Para isso, ela retrata a angolana em duas fotos *polaroid* com penteados diferentes: em um, com o cabelo crespo natural; em outro, com tranças rastafári. Para representar que a perfilada é uma estudante, Heloísa acrescentou na ilustração um lápis e um óculos, este último que a perfilada de fato usa.



Fig. 4: Ilustração do capítulo “Ela toma conta do próprio mapa”

7. Considerações finais

“Enquanto o mundo se desenvolve em grande velocidade diante dos olhos do observador, a narrativa é um mecanismo para refreá-lo” (PANIAGO, 2008, p. 35). Assim é trabalhar com jornalismo literário. Exige tempo, atenção, dedicação e uma capacidade de observação e percepção que transcende a típica apuração jornalística.

Para um trabalho focado em imigração, era necessário entender como se deu o processo de adaptação e quais eram as ressignificações e percepções de cada um dos perfilados. Por isso, era preciso colocar o indivíduo e sua visão de mundo em evidência na narrativa. Assim, um tema que normalmente é retratado na mídia em uma visão macro ganharia uma perspectiva mais humana, em uma abordagem mais subjetiva.

Aliar o jornalismo à literatura potencializa a prática em todos os seus aspectos, desde o levantamento de informações até a apuração, coleta de dados e escrita. Por meio de um olhar apurado e sensível sobre o cotidiano e seus personagens, que quase não tem mais espaço nas redações, é possível conectar e aproximar o leitor a uma nova realidade.

Em um contexto no qual discursos conservadores nacionalistas e, conseqüentemente, xenófobos ganham a simpatia de parte da população, trazer essas vivências de imigrantes pode, de alguma forma, incentivar um olhar e um comportamento mais empático para com o outro.

Não é preciso ir longe, no tempo e espaço, para refletir sobre essas questões. É possível abordá-las mesmo em Goiânia, uma cidade sem uma relação forte com fluxos migratórios, em buscar de entender qual o nosso papel, como cidadão e sujeito, na forma como interagimos, percebemos e tratamos o imigrante.

REFERÊNCIAS

ALVES, A. T. J. Globalização e movimentos migratórios. In: PEREIRA, G. M. S.; PEREIRA, J. R. S. (Orgs.) *Migração e globalização: um olhar interdisciplinar*. Curitiba: CRV, 2012. p. 49-58.

AMATE, T. *Perfilar coisas: o inumano no centro da narrativa jornalística*. 2013. Projeto Final em Jornalismo – Departamento de Jornalismo – Faculdade de Comunicação – Universidade de Brasília, Brasília.

CUBAS, V. A. *Fluxo migratório: contribuições para a cidade de Ipameri – GO no período de 19=10 a 1950*. In: ENCONTRO DE GEÓGRAFOS BRASILEIROS, 16, 2010, Porto Alegre. *Anais...* São Paulo: AGB, 2010, p. 1-11

DANTAS, S. D. Culturas em xeque e o desafio psicológico de ser entre dois mundos: biculturalismo entre Brasil e Japão. In: FERREIRA, A. P. et al. (Orgs.) *A experiência migrante: entre deslocamentos e reconstruções*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010. p. 19-38.

DUARTE, J. Entrevista em profundidade. In: BARROS, A.; DUARTE, J. (Orgs.) *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2010, p. 51-61.

ELHAJJI, M. Migrações, TICs e comunidades transnacionais: o devir diaspórico na era global. In: PEREIRA, G. M. S.; PEREIRA, J. R. S. (Orgs.) *Migração e globalização: um olhar interdisciplinar*. Curitiba: CRV, 2012. p. 329-341.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Brasil em síntese*, Goiás, Panorama. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/panorama>> Acesso em: 27 abr. 2019.

IMB – Instituto Mauro Borges de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos. *Panorama da migração em Goiás*. Disponível em: <<http://www.imb.go.gov.br/files/docs/publicacoes/estudos/2014/panorama-da-migracao-em-goias.pdf>> Acesso em: 27 abr. 2019.

IOM – International Organization for Migration. *Who is a migrant?* Disponível em: <<https://www.iom.int/who-is-a-migrant>> Acesso em: 27 abr. 2019.

LIMA, E. P. *O que é livro-reportagem*. São Paulo: Brasiliense, 1998. 72 p.

_____, E. P. *Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. Barueri, SP: Editora Manole, 2009, 470 p.

MARTINEZ, M. *Jornalismo literário: a realidade de forma autoral e humanizada*. Estudos em Jornalismo e Mídia. Florianópolis, n. 1, p. 71-83, 2009.

MATEUS, S. *A Etnografia da Comunicação*. Antropológicas, Porto, n. 13, p. 84-89, 2015.

MENDES, F. M. M.; QUEIROZ, F. A. T. *Construção cena a cena: a narrativa jornalística como mosaico líterofactual em Chico Mendes: crime e castigo, de Zuenir Ventura*. Bakhtiniana, São Paulo, 12 (2): 156-173, Maio/Ago. 2017.

PANIAGO, P. *Um retrato interior: o gênero perfil nas revistas The New Yorker e Realidade*. 2008. Tese (Doutorado em Comunicação – Área de Jornalismo e Sociedade) – Universidade de Brasília, Brasília.

PENA, F. O jornalismo literário como gênero e conceito. *Revista Contracampo*. Niterói, n. 17, p. 43-58, 2007.

RITTER, E. *John Hersey e os predecessores do New Journalism*. Artigo. UFRGS. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/jornal-alcar-7/john-hersey-e-os-predecessores-do-new-journalism>> Acesso em: 06 abr. 2019.

ROVIDA, M. F. Etnografia e reportagem jornalística: aproximação possível para uma metodologia de pesquisa empírica. *Líbero*, São Paulo, v. 18, n. 35, p. 77-88, 2015.

TRAVANCAS, I. Fazendo etnografia no mundo da comunicação. In: BARROS, A.; DUARTE, J. (Orgs). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2010, p. 98-109.

TSUKADA, J. *Entre-lugares: sonhos e vivências de imigrantes em Goiânia*. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo). Faculdade de Informação e Comunicação da UFG, Goiânia, 2018.

SILVA, A. T. P. O perfil jornalístico: possibilidades e enfrentamentos no jornalismo impresso brasileiros. *Revista eletrônica Temática*, João Pessoa, n. 10, out. 2009. <http://www.insite.pro.br/2009/outubro/perfil_jornalismo_amanda.pdf> Acesso em: 06 abr. 2019.